

JAVIER ANDREU PINTADO
ARMANDO REDENTOR
ELENA ALGUACIL VILLANÚA
(EDS.)

VALETE VOS VIATORES

TRAVELLING THROUGH
LATIN INSCRIPTIONS
ACROSS THE
ROMAN EMPIRE

I|U

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

Palickap, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>>, via Wikimedia Commons

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2335-1

ISBN DIGITAL

978-989-26-2336-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2336-8>

COMISSÃO CIENTÍFICA

María J. Peréx Agorreta
Universidad Nacional de Educación a Distancia

David Martino García
Universidad Complutense de Madrid

Manuel Ramírez-Sánchez
Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

SUMÁRIO

Presentación.....	7
Prólogo	13
<i>Valete vos viatores:</i> new tools for teaching Roman epigraphy	19
Old wine in new skins: a video game with an epigraphic theme.....	63
Avvicinarsi agli antichi attraverso l'epigrafia: l'esperienza sui canali <i>social</i> del Museo Nazionale Romano.....	95
Epigrafia e <i>storytelling</i> : il caso dei Musei Civici di Reggio Emilia	135
Il potenziale didattico dell'epigrafia digitale, tra spirito critico e spirito civico	183
Les bases de données épigraphiques et l'Institut Ausonius à l'ère des Humanités Numériques.....	207
Scrivere sui muri nella Roma antica.....	229
Apontamentos sobre a paisagem epigráfica da capital dos <i>Igaeditani</i>	259

A valorização patrimonial das inscrições romanas de Idanha-a-Velha 307

Caput mundi e capitale d'Italia: il riflesso della storia di Roma
antica e moderna nelle iscrizioni del Museo Nazionale Romano 355

PRÓLOGO

Uma aliciante descoberta

Não deixa de ser bem consolador verificar consignadas, ao longo de mais de 300 páginas, muitas das ideias que, ao longo de mais de quatro décadas, se foram instilando nas aulas, em conferências e escritos. E ocorre, de novo, inevitável, a imagem que, lapidadamente, António Machado nos legou: «Caminante son tus huellas el camino y nada más. Caminante, no hay camino se hace camino al andar».

Pegadas quais sementes que em bom terreno germinaram e, por sua vez, em fecunda seara – pela mão de sábios agricultores – vieram a transformar-se.

Depois do grande empreendimento político-cultural que foi, a partir de meados do século XIX, a elaboração do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, por iniciativa da Academia das Ciências de Berlim, a I Grande Guerra teve as consequências que se conhecem. Assim, só em 1938 se fará, em Amesterdão, uma reunião internacional de Epigrafia; a II Grande Guerra determinou nova interrupção, de modo que o II Congresso de Epigrafia apenas se reunirá em 1952, em Paris, por iniciativa de Louis Robert. Seguiram-se Roma, Viena, Cambridge, Munique (1972); e, aqui, além de se ter criado a Association Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine, o olhar se voltou para a Europa Oriental, de modo que o VII Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina irá reunir-se em Constantza

(Setembro de 1977), inclusive para permitir politicamente a participação dos epigrafistas dessa área do antigo Império romano, riquíssima em achados epigráficos; aí formalmente se constituiu a atrás referida Association.

Porventura se não tem chamado a atenção para o relevante testemunho que, na ocasião, Louis Robert nos proporcionou, no discurso de abertura desse VII Congresso, quando, por exemplo, se referiu ao facto de a Epigrafia nos permitir fazer «não apenas a história dos nomes, mas a história através dos nomes» e as precauções a ter; ou, ainda, o «lugar essencial desempenhado pela geografia quando se pesquisam os laços da onomástica com a religião». A necessidade de ver no texto original o que é interessante, sem se deixar «mergulhar em recapitulações exaustivas de banalidades que para nada vão servir». Orientações sempre actuais, a visitar!

Corresponde esse final da década de 70 ao grande desenvolvimento da ciência epigráfica. Em Portugal, o II volume das *Fouilles de Conimbriga*, da autoria de Georges Fabre e Robert Étienne, assinalará, em 1976, o começo da definição clara do que deverá ser a elaboração científica duma ficha epigráfica, servida, sempre que possível, por uma boa fotografia: as circunstâncias do seu achamento, descrição, medidas, leitura interpretada, tradução, comentário epigráfico e comentário de integração histórica. Não se porão de parte os grafitos e as medidas das letras e dos espaços interlineares permitirão ajuizar melhor da colocação original do monumento.

Coincide essa publicação com o despertar, em Espanha, das *diputaciones provinciales* para a importância desse espólio epigráfico, inclusive como forma de reforçar a identidade local; e, em Portugal, com a criação, na Universidade de Coimbra, da disciplina anual de Epigrafia, o que vai permitir uma atenção maior aos monumentos espalhados pelo País e de que ainda se não tinha dado notícia. A criação, em 1982, do *Ficheiro Epigráfico* (nestes meados de 2022

com 233 números e mais de 800 textos inéditos editados), veio dar a possibilidade de imediata publicação do que se ia encontrando.

Se Fabre e Étienne lançaram as bases de um estudo epigráfico, Giancarlo Susini – que já chamara a atenção com o seu *Il Lapidario Romano* (Bolonha 1966) – assinalará a vertente cultural da epígrafe, propondo da Epigrafia uma definição que pode compendiar-se assim: «O estudo da forma como, em determinado, o Homem seleccionou ideias para as transmitir aos vindouros». Coimbra assumirá, pois, essas duas vertentes: a epigráfica e a cultural.

O número 11 (Outono de 2021) da revista *Kairós* fez-se eco dessa orientação epistemológica, já anunciava o projecto de que ora, neste volume, se dá conta e aí se preconizava a abertura da Epigrafia a mais horizontes, mercê dos novos meios de pesquisa que estão ao nosso alcance.

O velhinho papel mata-borrão que proporcionava melhor leitura é, hoje, substituído por procedimentos digitais que permitem, inclusive, a observação tridimensional do monumento, e o progresso do uso de filtros dá possibilidade de se ver o que, a olho nu, se não descortinava. Aliás, nesse âmbito, a discussão acerca dos sinais diacríticos a usar (porventura, um quebra-cabeças) se esvai perante a possibilidade de, mediante uma boa descrição e adequada reprodução fotográfica, se ver exactamente o que a superfície epigrafada ostenta. A facilidade de consulta de novas e actualizadas bases de dados – HEpOL, ADOPIA, EDCS – permite, por seu turno, o rápido confronto de hipóteses levantadas.

Para um docente aposentado não pode haver maior recompensa de que ver os seus ensinamentos serem continuados e, logicamente, aperfeiçoados e ultrapassados. Que outros nos seguiram as pisadas, inclusive num percurso muito mais aliciante, constitui bem fecunda e gratificante recompensa. Bem hajam! Mormente por ter partido de discípulos meus – honra seja feita ao dinâmico e incansável Javier Andreu Pintado! – a iniciativa deste projecto.

Valete vos viatores é um título deveras sugestivo.

Primeiro, porque evoca o diálogo entre os vivos e os mortos – naquela crença de que se não morre, apenas se passa a outro estádio... – bem patente na fórmula *Venisti salve legisti vale!* («Olá tu que chegaste! Já leste? Passa bem!») ou naqueloutra, mais imperativa e dolente: *te rogo praeteriens dic sit tibi terra levis!* (rogo-te, ó passante, que digas ‘A terra te seja leve!’).

Depois, porque – como num dos textos aqui presentes se acentua – a epígrafe faz parte duma ‘paisagem’. E se é uma epígrafe um dos primeiros sinais de trânsito de Lisboa – ANNO DE 1686 / SVA MAGESTADE ORDE/NA AOS COCHES SE/GES E LIT(ei)RAS Q(ue) VIE/REM DA PORTARIA DO / SALVADOR RECVEM P(ara) / A MESMA PARTE – também não causa estranheza ver uma das paredes da suposta casa de Giuliettaem Verona, cheia de declarações de amor!...

Mas, a propósito de *viator*, não será despropositado chamar a atenção para dois aspectos: um é o dos miliários romanos, onde, como Giancarlo Susini teve ensejo de referir (“Compitare per via. Antropologia del lettore antico: meglio, del lettore romano”, *Alma Mater Studiorum*, I, 1, 1988), houve o cuidado de gravar na face dianteira ao eixo da via os dados fundamentais da nomenclatura imperial, para que de imediato se percebesse a sua cronologia; outro, a função pública da epigrafia, bem salientada neste volume pelos textos onde se aponta «a epigrafia para a escola» ou «pronuncia o meu nome – a comunicação como arte de fazer falar». A função da epígrafe como iniciação à leitura, mormente porque, escrita em letras capitais, mais facilmente se aprende e apreende. E se cimenta comunidade: «Mãe, quem foi este senhor?»...

Neste âmbito, não será de somenos sublinhar o papel da Epigrafia – não apenas da romana, mas da de todos os tempos – como veículo de cidadania, entendendo por esta palavra o sentimento de que se pertence a uma comunidade onde todos contam. Se, como se diz

a dado passo neste volume, o Museo Nazionale Romano intenta fazer «apaixonar-se dos antigos através da epigrafia», também não é menos verdade que proporcionar a passagem do explícito para o implícito constitui exercício deveras elucidativo e bem desafiante.

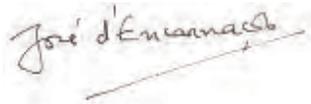
Veja-se o caso da toponímia, de que se poderiam multiplicar os testemunhos e de que apenas assinalo um. A cidade de Angra do Heroísmo foi varrida por um terramoto a 1 de Janeiro de 1980; aquando da reconstrução, os antigos nomes das ruas mantiveram-se, com a grafia antiga («Rua d’Agoa», por exemplo), em ovaladas placas de azulejo enchacotado, como dantes. É cidade, desde 1983 classificada como Património Cultural da Humanidade. Em contrapartida, em Ponta Delgada, a capital política dos Açores, as ruas vão mudando de nome e são de personalidades...

«Espírito crítico, espírito cívico», assinala Sílvia Orlandi. Despertar a capacidade da admiração, maravilhar-se – aspecto pedagógico da maior importância e hoje, amiúde, esquecido, porque a pressa em que se vive atrofia essa indispensável capacidade. Veio a epidemia travar a pressa, enquanto, por outro lado, ela foi o «acelerador da digitalização» também no domínio epigráfico. E ainda bem! E quando se vê um museu abrir as portas à sociedade e propor que os elementos de um grupo criem, por autorrecriação, *defixiones* à maneira dos Romanos, podemos garantir que museólogos, epigrafistas e docentes estão verdadeiramente no bom caminho!

Se todas essas iniciativas vêm no sentido preconizado de, consciencializando-a, se trazer a Epigrafia para o quotidiano, quebrando tabus, proporcionando aliciantes descobertas, creio também não ser pretensiosismo começar a encarar as tatuagens – como já ousei propor – como um elemento mais a estudar. Detém a tatuagem as três principais características da epígrafe (enquanto objecto de estudo da ciência epigráfica): veicular perenemente a mensagem que, em determinado momento, se considerou tão importante que se escolheu o próprio corpo como seu veículo de transmissão!

Por tudo quanto se disse e no volume se vai ler, não creio ser despropósito afirmar que esta publicação, pela variedade de testemunhos que reúne e pela riqueza dos temas que nela se abordam, será mui agradavelmente saudada como assinalável marco no rumo dos estudos epigráficos. E muito me congratulo!

Cascais, 10 de Junho de 2022

A handwritten signature in dark ink, reading "José d'Encarnação". The signature is written in a cursive style and is underlined with a single horizontal line.

Série Investigação

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2022

Obra publicada
com o apoio de



1 2



9 0



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS